

A faiança fina nos engenhos amazônicos dos séculos XVIII e XIX

Helder Bruno Palheta Ângelo

Orientador (a): Dr. Fernando Luiz Tavares Marques

Investigações arqueológicas desenvolvidas por pesquisadores do Museu Goeldi no estuário amazônico têm descoberto sítios de engenhos de cana-de-açúcar do período colonial cujas evidências materiais incluem uma grande quantidade de fragmentos de faiança fina. Neste sentido, objetivo identificar quais são as principais características, variedades e padrões presentes da faiança fina nestes sítios. Este material é um tipo de cerâmica foi desenvolvida na Inglaterra a partir do século XVIII, produzida com uma temperatura de queima entre 600°C e 1500°C, à base de argila, caulim da sílica, bórax e óxidos metálicos, ossos calcinados e feldspato, tornando-se resistente a líquidos e ao calor. Foi muito usada na confecção de louças utilitárias como pratos, pires, xícaras e tigelas e em objetos de higiene, como bacias, jarros e urinóis. A metodologia compreendeu uma classificação tipológica, com dados relativos à profundidade onde foram encontradas, o local, à forma/função, técnicas e motivos de decoração, tipos de esmalte, coloração e quantidade. Foi realizado também um levantamento bibliográfico dirigido às interpretações sobre a faiança fina e considerações sobre os engenhos de cana-de-açúcar amazônicos. Como resultado, constata-se que a grande maioria dos fragmentos é representativa de louças utilizadas em serviços de mesa. Com a relação às técnicas de decoração, foram identificadas as seguintes variedades: pintada à mão livre, banhada, carimbada, esponjado, pintada em faixas e/ou frisos, impresso e borrão. Também se detectou motivos anelares, florais, marmorizados, geométricos, além dos padrões "shell edge", trigal, "royal rim", "wave" e peças com cenas clássicas, românticas, pastorais e chinesas.

Palavras-chave: Arqueologia, Engenhos, Faiança Fina.